

CASAMENTOS REAIS PORTUGUESES. UM ASPECTO DO RELACIONAMENTO IBÉRICO E EUROPEU (SÉCULOS XII-XIV)

por Paulo Drumond Braga *

1. Todos conhecemos, pelo menos minimamente, as histórias envolvendo os casamentos reais portugueses dos séculos XII a XIV. Todos ouvimos já falar dos matrimónios em Leão, em Castela, em Aragão, até na Flandres e na longínqua Dinamarca, tal como todos sabem que Afonso III foi o «Bolonhês» por se ter casado em primeiras núpcias com a condessa de Bolonha. Nunca se equacionou, contudo, o problema nas suas diversas vertentes: em que reinos ou senhorios mais se casaram os reis, os príncipes e as princesas portuguesas e porquê? Como explicar que o quase permanente estado de guerra com Leão e Castela tenha levado a constantes matrimónios? Qual o papel, nesta problemática, do esquecido Aragão? Por que razões se casou Afonso Henriques com a filha do conde de Sabóia e do Piemonte? E por que se pensaram vários consórcios em Inglaterra, duas gerações antes de D. João I? A estas e a outras perguntas procurará esta comunicação dar resposta¹.

* Universidade Nova de Lisboa.

¹ Para a elaboração destes apontamentos, servi-me sobretudo das genealogias inseridas em A. H. de Oliveira Marques, *História de Portugal*, 13.^a ed., vol. I (*Das Origens ao Renascimento*), Lisboa, Presença, 1997. Recorri ainda a Frederico Francisco de La Figanière, *Memórias das Rainhas de Portugal. D. Theresa. Santa Isabel*. Lisboa, Tipografia Universal, 1859 e a Francisco da Fonseca Benevides, *Rainhas de Portugal. Estudo Histórico*, tomo I, Lisboa, Castro Irmão, 1878. Indicam-se em nota própria todos os trabalhos a que se teve acesso sobre cada casamento, ou que refiram o mesmo com o necessário pormenor.

2. Com Leão (depois, Castela), registou-se o maior número de consórcios ou promessas de casamento. Assim, Urraca, filha de Afonso Henriques, casou com Fernando II de Leão (1165); Teresa, filha de Sancho I, com Afonso IX de Leão (1191)²; Mafalda, irmã da anterior, com Henrique I de Castela (1215); Afonso II com Urraca, filha de Afonso VIII de Castela (1208?); Afonso III com Beatriz, filha bastarda de Afonso X (1253); Afonso, filho de Afonso III, com Violante, filha do infante D. Manuel de Castela (?); Afonso IV com Beatriz, filha de Sancho IV de Castela (1297); Constança, filha de D. Dinis, com Fernando IV (1302); Maria, filha de Afonso IV de Portugal, com Afonso XI de Castela (1328); D. Pedro I, com Branca, filha do infante D. Pedro de Castela (1328)³; Beatriz, filha de Pedro I e de Inês de Castro, com Sancho, irmão de Henrique II de Castela (1373); Isabel, bastarda do rei Formoso, com Afonso, bastardo de Henrique II de Castela (1378); Beatriz, filha e herdeira de D. Fernando I, com João I de Castela (1383); Dinis, filho de D. Pedro I e de Inês de Castro, com D. Joana, bastarda de Henrique II (1391). Acresce a tudo isto que o rei D. Fernando esteve para casar com Beatriz, filha de Pedro I de Castela e depois com Leonor, filha do mesmo e que sua filha única, Beatriz, antes de desposar João I de Castela, esteve prometida a Fradique, duque de Benavente, filho de Henrique II (1375), ao futuro Henrique III (1380) e a Fernando, filho de João I (1382)⁴.

Também ocorreram matrimónios com grandes senhores de Castela. Os principais foram os que uniram Sancho II a uma filha de um fidalgo biscainho, Mécia Lopez do Haro (1245?) e o futuro Pedro I à filha do poderoso D. João Manuel, D. Constança (1340)⁵. Os demais casamentos não tiveram grande alcance nem significado,

² Marcelino Pereira, "Um desconhecido tratado entre Sancho I de Portugal e Afonso IX de Leão", *Revista Portuguesa de História*, tomo XXVII, Coimbra, Instituto de Estudos Históricos Doutor António de Vasconcelos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1977, pp. 105-135.

³ Juan F. Cabestany Fort, "Un episodio de las relaciones diplomaticas de Portugal y la corona de Aragón (1327-1328)", *Bracara Augusta*, vol. XVII-XVIII, n.º 39-40 (51-52), Braga, Câmara Municipal de Braga, 1964, pp. 111-112.

⁴ Sobre os casamentos realizados no reinado de D. Fernando, cfr. Salvador Dias Arnaut, *A Crise Nacional dos Fins do Século XIV*, vol. I (*A Sucessão de D. Fernando*), Coimbra, Instituto de Estudos Históricos Doutor António de Vasconcelos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1960. Sobre a bastarda de D. Fernando, veja-se Alexandre de Lucena e Vale, "D. Isabel de Portugal, condessa de Gijón e de Noronha", *Anais*, II série, vol. 9, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1959, pp. 101-115.

⁵ Paulo Drumond Braga, "Protecção régia à capela da infanta D. Constança, mulher de D. Pedro I", *Revista da Biblioteca Nacional*, série 2, vol. 9, n.º 2, Lisboa, Julho-Dezembro de 1994, pp. 7-19.

limitando-se a unir filhos segundos ou bastardos a outros que tais além fronteiras.

Aragão surge, numericamente falando, a seguir a Leão e Castela. Mafalda, filha de Afonso Henriques, desposou D. Raimundo de Berenguer, filho do conde de Barcelona (1160); o futuro Sancho I casou com Dulce, filha do rei de Aragão, Raimundo Berenguer IV (1174); o filho de ambos, Pedro, desposou Aurembiax de Urgel (1230)⁶; D. Dinis esposou a filha de Pedro IV de Aragão, Isabel (1282); Leonor, filha de Afonso IV, o rei Pedro IV (1347)⁷ e Maria, filha de D. Pedro I, o infante D. Fernando, filho de Afonso IV de Aragão (1354). Para além disso, o futuro rei D. Fernando esteve para desposar a filha de Pedro IV de Aragão, Joana (1364), bem como a irmã desta, Leonor (1369).

Os outros destinos das noivas e dos noivos portugueses são pouco significativos em termos numéricos. Na Flandres casaram Teresa, filha de Afonso Henriques, e Fernando, filho de Sancho I, respectivamente, com o conde Filipe da Alsácia (1184) e com a condessa Joana (1212)⁸. Quanto à Dinamarca, Berengária, filha de Sancho I, esposou Valdemar II (1214) e Leonor, filha de Afonso II, Valdemar III (1229)⁹. Afonso Henriques casou com Mafalda, filha de Amadeu II, conde de Sabóia e do Piemonte (1146). Finalmente, em França, o futuro Afonso III matrimoniou-se com a condessa de

⁶ António Brásio, "O infante D. Pedro, senhor de Majorca", *Anais*, II série, vol. 9, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1959, pp. 163-241.

⁷ Maria de las Mercedes Costa Paretas, "Leonor de Portugal, reina de Aragón (1347-1348)", *Bracara Augusta*, vol. XVIII-XIX, n.º 41-42 (53-54), Braga, Câmara Municipal de Braga, 1965, pp. 93-101; José Martínez Ortiz, "Una victima de la peste, la reina Doña Leonor", in *VIII Congreso de Historia de la Corona de Aragón*, vol. 2, Valencia, 1969, pp. 9-25; Johannes Vincke, "Leonor von Portugal Koningin von Aragón, 1347-1348", *Aufsätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte*, 1.ª série, tomo 3, Münster, 1962-1963, pp. 204-244.

⁸ Luciano Cordeiro, *A Condessa Mahaut*, Lisboa, A Liberal, 1899; Eduardo Brazão, *Portugal na Bélgica (de Filipe de Alsácia e Leopoldo II)*, Lisboa, Companhia dos Diamantes de Angola, 1969, pp. 27-43; Jan A. Van Houtte, "As relações políticas e dinásticas entre Portugal e a Bélgica", in *Flandres e Portugal na Confluência de Duas Culturas*, dir. J. Everaert e E. Stols, Lisboa, Inapa, 1991, pp. 12-18.

⁹ Luciano Cordeiro, *Berenguela e Leonor, Rainhas da Dinamarca*, introd. de José Matoso, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984; Maria Josefina Andersen, "Princesas portuguesas. D. Berengaria e D. Leonor, rainhas da Dinamarca", in *Congresso do Mundo Português*, vol. II (*Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso de História Medieval. II Congresso*), Lisboa, Comissão Executiva dos Centenários, 1940, pp. 179-196.

Boulogne-sur-Mer, Matilde (1238?)¹⁰ e, muitos anos mais tarde, chegou a ser ventilada a hipótese de casar o futuro D. Pedro I com uma princesa francesa¹¹.

Um caso pouco referido para o período anterior a D. João I é o da Inglaterra. Mas a verdade é que, em 1325-1326, Afonso IV acalentou a ideia de casar o filho e herdeiro, Pedro, com uma inglesa e uma das filhas, Maria, com o príncipe de Gales, futuro Eduardo III. Ideia que viria a repetir, mais tarde, em 1345-1347, com a filha mais nova, Leonor, em relação a outro príncipe de Gales, filho do citado Eduardo III e que nunca viria a reinar, sendo pai do futuro Ricardo II. Por outro lado, Beatriz, a herdeira de D. Fernando, chegou a ser prometida a Eduardo, filho do conde de Cambridge, Edmundo (1381)¹².

3. Em primeiro lugar, verifica-se que os casamentos reais portugueses se realizaram (e por ordem decrescente) com Leão / Castela, Aragão, Dinamarca, Flandres, Sabóia e França. Para além de uma evidente diversificação de alianças matrimoniais, praticada desde Afonso Henriques, numa evidente tentativa de fuga à exclusividade do espaço ibérico¹³, não se pode deixar de notar o peso desse mesmo espaço, como não podia deixar de ser. As bodas mistas criaram uma rede de tal modo intrincada que, no reinado de Afonso IV, Portugal, Castela e Aragão se achavam intimamente unidos por laços de família: o filho de D. Dinis era sogro de Afonso XI de Castela e a mãe deste era irmã de Afonso IV, por sua vez marido de uma tia paterna do rei de Castela. Por seu lado, Jaime II de Aragão era tio materno de Afonso IV¹⁴.

Resumindo, dois reis em exercício de funções casaram em Castela, Sancho II (com a filha de um potentado biscainho) e Afonso III (com a bastarda do poderoso Afonso X). Por seu lado, D. Fernando

¹⁰ Solange Corbin de Mangoux, "Notes sur le séjour et le mariage d'Alphonse III de Portugal à la cour de France", *Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal*, nova série, tomo 12, fasc. 1, Coimbra, 1945, pp. 159-166.

¹¹ Maria Margarida de Sá Nogueira Lalanda, "A política externa de D. Afonso IV (1325-1357)", *Arquipélago*, série *História*, vol. XI, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1989, p. 114.

¹² Enquadre-se em P. E. Russell, *The English Intervention in Spain and Portugal in the Time of Edward III and Richard II*, Oxford, Clarendon Press, 1955.

¹³ Maria Margarida Lalanda, *ob. cit.*, p. 124; Manuel Côrte-Real, "As alianças matrimoniais dos filhos de D. Afonso Henriques na política externa portuguesa", in *Actas do 2.º Congresso Histórico de Guimarães*, vol. II (*A Política Portuguesa e as suas Relações Exteriores*), Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães, Universidade do Minho, s.d. [1997], pp. 449-454.

¹⁴ Maria Margarida Lalanda, *ob. cit.*, p. 109.

I esteve para contrair matrimónio com duas filhas de Pedro I de Castela. Com príncipes ou princesas do reino vizinho, e bem assim filhas de grandes senhores, se matrimoniaram igualmente, ou estiveram para se matrimoniarem, vários herdeiros da coroa portuguesa, os futuros Afonso II, Afonso IV, Pedro I (por duas vezes, apenas se consumado o segundo consórcio) e D. Fernando I (projecto abortado), bem como a filha deste, D. Beatriz (três promessas de casamento e um levado a cabo). Portugal forneceu a Castela cinco rainhas, incluindo a mesma Beatriz, mulher de João I, que antes de o desposar estivera já prometida a um herdeiro da Coroa.

De facto, as relações entre Portugal e Leão/ Castela oscilaram sempre entre a guerra e a paz, sendo, com frequência, esta última, selada por casamentos. Para além de sempre frutuosas relações comerciais¹⁵, a guerra ocupou os dois reinos durante as governações de de Afonso Henriques, Sancho I, Afonso II, Sancho II e Afonso III¹⁶. A Península conheceu depois um período de equilíbrio, traduzido pelo tratado de Agreda, de 1304, de aliança perpétua entre Portugal, Castela e Aragão. A conjuntura viria a alterar-se em 1356, procurando Castela conquistar a hegemonia peninsular, situação que os outros dois reinos tantaram obstar. A partir de 1363-1364, com a entrada em cena da Inglaterra e da França, e Península transformou-se em palco menor da Guerra dos Cem Anos¹⁷ e, durante as chamadas guerras fernandinas (1369-1371, 1372-1373 e 1381-1382), sempre que se fazia a paz, negociavam-se matrimónios entre as casas reais de Portugal e Castela.

Por seu turno, o reino de Aragão suscitou o interesse de um herdeiro (o futuro Sancho I), de um filho segundo e de um reinante, D. Dinis e com princesas aragonesas esteve duas vezes para casar D. Fernando I. Por seu lado, Portugal apenas deu a Aragão uma rainha. Este foi um reino com quem Portugal procurou sempre manter uma posição de parceiro, nomeadamente quando se tratou, no século XIV, de tentar contrabalançar as tentativas hegemónicas de Castela¹⁸ e

¹⁵ A. H. de Oliveira Marques. "A circulação e a troca de produtos". in *Portugal em Definição de Fronteiras. Do Condado Portucalense à Crise do Século XII*. coorden. Maria Helena da Cruz Coelho e Armando Luís de Carvalho Homem (= *Nova História de Portugal*, dir. A. H. de Oliveirs Marques e de Joel Serrão. vol. III), Lisboa. Presença. 1996. pp. 516-517.

¹⁶ Maria Alegria Fernandes Marques, "A viabilização de um Reino" e "As etapas de crescimento do Reino", in *ibid.*, pp. 23-64.

¹⁷ A. H. de Oliveira Marques. *Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV* (= *Nova História de Portugal*, dir. do mesmo e de Joel Serrão. vol. IV), Lisboa. Presença. 1987. pp. 317-319.

¹⁸ *Ibid.*, pp. 317-319.

com quem os contactos económicos foram também algo significativos¹⁹.

Algo de diferente se passou com a Flandres²⁰. Este feudo, cujo senhor era vassalo do rei de França, mantinha relações com Portugal desde que vários cruzados flamengos auxiliaram Afonso Henriques na conquista de Lisboa, em 1147. No próprio século XII já se encontram súbditos desse senhorio a residir em Portugal²¹ e, em 1184, uma das filhas do rei português desposava o conde da Flandres. Tal escolha é compreensível, pois D. Teresa era filha de Mafalda de Sabóia, o mesmo é dizer, neta materna de um cunhado do rei Luís VI de França. Por outro lado, Filipe da Alsácia, então viúvo e sem filhos, estava empenhado em manter a independência do seu feudo face a Filipe Augusto, sendo um casamento, de preferência com descendência, uma das vias possíveis dessa mesma política. Teresa, ou Matilde, como se passou a chamar, recebeu em dote a maior parte do senhorio do marido e foi regente da Flandres por várias vezes, antes e depois de enviuar, tendo forjado o matrimónio de seu sobrinho Fernando, filho de Sancho I, com a condessa herdeira do senhorio da Flandres, Joana. Estes matrimónios levaram a um incremento das relações luso-flamengas, nomeadamente a nível de trocas económicas²².

A Dinamarca surge com duas Portuguesas como rainhas, figuras somente famosas pelo facto de terem casado na longínqua Escandinávia. Conforme parece ser hoje pacífico, o consórcio de Berenguela explica-se por uma necessidade de conseguir o aliamento da Dinamarca no conflito que opunha a França ao Império. O papel de mediadores entre Portugal e a Dinamarca coube a dois aqui já referidos príncipes portugueses, Teresa, na altura já viúva de Filipe da Alsácia e Fernando, casado com Joana, condessa da Flandres. Por seu lado, o enlace de Leonor limitou-se a vir no seguimento do anterior, pois convém não esquecer que a mulher de Valdemar III era sobrinha da de Valdemar II²³. Os casamentos escandinavos levaram, como é compreensível, a um incremento das relações entre os dois reinos, nomeadamente no próprio nível económico²⁴.

¹⁹ A. H. de Oliveira Marques. "A circulação e a troca de produtos [...]". p. 518; Filipe Themudo Barata. *Navegação, Comércio e Relações Políticas. Os Portugueses no Mediterrâneo Ocidental (1385-1466)*, s. I. [Lisboa] Fundação Calouste Gulbenkian. Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1998.

²⁰ Vejam-se os trabalhos citados na nota 8.

²¹ Saul António Gomes. "Grupos étnico-religiosos e estrangeiros". in *Portugal em Definição de Fronteiras [...]*, p. 377.

²² A. H. de Oliveira Marques, *ob. cit.*, pp. 512-519.

²³ Vejam-se os trabalhos citados na nota 9.

²⁴ A. H. de Oliveira Marques. "A circulação e a troca de produtos [...]". p. 512.

A Sabóia foi Afonso Henriques escolher sua mulher. Buscando ainda, nesses anos 40 do século XII, fugir a compromissos ibéricos, e não esquecendo a sua ascendência além-pirenaica, o filho do conde D. Henrique desposou alguém que era, ao mesmo tempo, filha de um vassalo do Papa (e não esqueçamos a busca afonsina da legitimação pontifícia para o seu título régio) e do sacro imperador romano-germânico (o único imperador europeu da época, para além de Afonso VII de Leão) e sobrinha materna de Raimundo da Borgonha. De facto, D. Mafalda tinha como pai Amadeu III, conde de Sabóia e do Piemonte e como mãe uma irmã de Raimundo, Gisela²⁵.

Quanto à França, esta surge quase episodicamente no quadro dos casamentos reais portugueses. De facto, o segundo filho de Afonso II, o futuro rei Afonso III, ali desposou, por volta de 1238, uma condessa viúva, pela simples razão de, na época, viver em França, como se de um verdadeiro exilado político se tratasse, na corte de sua tia materna Branca de Castela, viúva de Luís VIII e mãe de Luís IX²⁶. No mais, pouco se sabe das relações entre o condado/ reino portugalense e a poderosa nação além-pirenaica, apenas que súbditos gauleses viviam em Portugal desde o século XII²⁷.

Apesar de ter acabado por não haver nenhum casamento, não nos esqueçamos da Inglaterra pois, nos anos 20 do século XIV, Portugal esteve para ver o herdeiro do trono casado com uma princesa oriunda da velha Albion, ao mesmo tempo que, por pouco, duas princesas de Gales não eram de origem portuguesa. Na complicada política externa de D. Fernando, houve ainda lugar para um projecto de matrimónio da herdeira do trono em Inglaterra. De facto, Portugal manteve desde cedo contactos a nível político, militar e económico, com aquela que ao longo dos séculos XIII e XIV se viria a afirmar como uma importante potência militar europeia²⁸.

²⁵ Manuel Côrte-Real, *ob. cit.*, p. 451.

²⁶ Leontina Ventura. "A crise de meados do século XIII". in *Portugal em Definição de Fronteiras [...]*, pp. 115-117.

²⁷ Saul António Gomes, *ob. cit.*, pp. 373-381.

²⁸ A. H. de Oliveira Marques, *ob. cit.*, pp. 377 e 514; id., *Portugal na Crise [...]*, pp. 319-320.

